
JORNAL NACIONAL: INFORMAÇÃO X MANIPULAÇÃO. FENÔMENO CULTURAL A PARTIR DE PRODUTO INFORMATIVO DE CONSUMO.

TOSCANI, Ana Lúcia F. de Campos; SILVA, Douglas Hernandes; OLIVEIRA, Natália Pimenta R. de .

Resumo

Na era da informação atualizada, buscada incessantemente através dos meios de comunicação de massa, torna-se necessária uma avaliação do veículo e do segmento de difusão dessa informação; ou seja, da televisão e do telejornalismo. A televisão por ser o veículo eletrônico informativo de maior alcance, e o telejornalismo, por ser o segmento que mais atesta esse caráter televisivo. Quando se fala em informação por meio do telejornalismo, a palavra de ordem é *Jornal Nacional*, não apenas por ter sido o primeiro telejornal em rede, mas também por ter se constituído em *fenômeno cultural* através da divulgação da informação, oferecendo-a como produto de consumo. Analisando esses três segmentos: televisão, telejornalismo e *Jornal Nacional*, detectamos alguns pontos que devem ser levados em consideração na manipulação e transmissão da informação que veiculam.

Palavras-chaves

televisão; telejornalismo; *Jornal Nacional*.

INTRODUÇÃO

Vivenciamos a era da informação. Observamos a necessidade que o ser humano tem de atualizar-se, buscando incessantemente por informações. Com o advento dos meios de comunicação de massa, o homem passou a ter “acesso” a todo tipo de informação, a estar sempre “por dentro” dos assuntos ocorridos na sua cidade, no seu país e no mundo inteiro. Enfim, através dos meios de comunicação de massa, o homem se viu “poderoso”, em contato constante com a realidade divulgada através da informação, produto de consumo oferecido pelos meios. É inegável dizer que dentre esses meios, o que mais destacou e continua se destacando até hoje, anos depois de seu surgimento, é a televisão. Por ter sido o veículo da mídia eletrônica que obteve maior penetração, a TV passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, um hábito sem o qual muitos já não conseguiriam viver. A televisão não exige mobilidade, nem alfabetização, é hipnótica; tem a necessidade argumentativa, a fim de convencer e persuadir,

imperceptivelmente, os auditórios a que se dirige. Percebe-se um processo de persuasão muito eficaz na TV, por meio de um visual que, por causar impacto, se torna mais real e ganha um sentido mais amplo pela mediação do verbal.¹ Estabelece-se dessa forma uma relação locutor-interlocutor que, por mais distante que seja, acaba por se tornar indissociável.

É evidente que o conteúdo veiculado pela televisão é ideologizado pela burguesia, frações que controlam o poder econômico e/ou político da sociedade. Sendo assim, a TV fala em nome do sistema. Consideremos que:

a função social do sistema é levar o público a assumir atitudes compatíveis com o estado atual dos conhecimentos (...). Para cumprir tal função, o sistema representado pela televisão deve esconder o que não se pode mostrar – tudo aquilo que ponha em dúvida, desestrua ou desarticule a univocidade do código.²

O segmento que vem atestar esse caráter informativo e ideologizador da televisão é o telejornalismo, por apresentar os interesses da opinião pública, denunciando os deslizes do governo e, ao mesmo tempo, falar em nome do sistema, como um mantenedor da ordem vigente.

Representante incomparável do segmento jornalístico, o Jornal Nacional nasceu como um passo dado além do mero entretenimento, reforçando a aparência de objetividade da televisão. Com a preocupação exclusiva em informar, transmitir tudo o que é verdadeiro e atual, o Jornal Nacional, assim como a televisão, veio a se tornar hábito para a maioria dos brasileiros, sua principal ponte de mediação com o mundo.

Nosso objetivo é entender como o Jornal Nacional, por meio da persuasão contida no veículo no qual está inserido, a televisão, estabelece uma relação de intersubjetividade e de comprometimento com os telespectadores, ganhando sua confiança, tornando-se cada vez mais crível diante da posição que assume, de transmitir em suas mensagens a “pura verdade”, a “verdade” sempre “atual”, e entender a manipulação da informação, feita através da ideologia do Jornal Nacional, constituindo-o em produto informativo de consumo, elegendo-o fenômeno cultural. Para tanto, algumas análises são necessárias, dentre as quais o veículo de massa televisão, o telejornalismo e o Jornal Nacional.

¹ROCCO, Maria Thereza Fraga. *A linguagem autoritária*. Televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.63.

²SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.134.

Para esta pesquisa, utilizamos os métodos bibliográfico e descritivo e entendemos que este estudo é válido por estarmos em contato diário com milhares de informações, buscando sempre nos atualizarmos através delas. Para isso, fazemos algumas escolhas a respeito do meio, das mensagens e dos conteúdos através dos quais nos chegam as informações.

TELEVISÃO

A televisão é o veículo eletrônico que conseguiu maior penetração desde o seu surgimento, tornando-se parte do cotidiano da maioria das pessoas. Seu impacto, até hoje, gera constantes discussões. Para analisar a televisão, primeiramente, se faz necessária uma análise dos meios de comunicação de massa.

Os *media*, como são chamados, constituem uma ponte de mediação entre a realidade e as pessoas, construindo e transmitindo a realidade à sua maneira. Não se trata, porém, de um ato intencional dos meios ou mesmo de uma deturpação da realidade.

*Na verdade, não há forma de evitar a reconstrução seletiva da realidade, pela simples impossibilidade material de abrangê-la em sua totalidade para comunicá-la. E mais, as próprias características tecnológicas dos meios (...) colabora para a configuração de um verdadeiro código do meio que traduz a realidade e a transmite.*³

Com o estabelecimento no monopólio discursivo dado através das informações veiculadas pelos *media*, no caso, pela televisão, a possibilidade de resposta é eliminada, cabendo aos telespectadores apenas ouvirem o que lhes é passado, criando uma distância entre o falante e ouvinte. Essa distância dá a televisão um poder absoluto, constituindo ideologia não nos conteúdos veiculados por ela, mas na própria informação. *Na realidade as pessoas são informadas para que não busquem informação. Da mesma forma, as pessoas são condenadas a apenas ouvir, para que não falem.*⁴

Tentando dizer o real, a televisão constrói uma realidade, simulando os “modelos” atuantes do mundo, fazendo com que a realidade concreta perca sua força. Essa tentativa, feita na forma de um sistema de representação social, constrói opiniões e comportamentos.

³ BORDENAVE, Juan Diaz. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes. 2002. p. 81.

⁴ SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001.p.49.

A televisão veicula uma cultura sincrética e massificadora. Sincrética no sentido de misturar valores e ideologias, ligadas às classes populares e às classes médias, dessa forma, eliminando conteúdos que possam vir a dividir o público. Massificadora no sentido de fundir elementos tão diversos como o real e o imaginário, homogeneizando-os.

A televisão se coloca como Instituição Social, representando os interesses da opinião pública, posicionando-se de forma imparcial e objetiva. Porém, *está fora de dúvida que a direção do conteúdo da programação da televisão é dada pelas frações da burguesia que detêm o controle do poder econômico e, dependendo da circunstância histórica, do poder político da sociedade.*⁵ Isso ocorre como sendo parte da própria dinâmica social, e não numa operação tramada maquiavelicamente.

A mediação ideológica, feita através de princípios articulatórios próprios de cada instituição social que a opera, é realizada com grande sucesso pela televisão, devido ao fato de ser menos percebida pelas pessoas. Esse caráter ideologizador da televisão passa despercebido, uma vez que sua relação com os expectadores é muito distante e também pelo *timing*, ou seja, a apresentação rápida e fragmentada dos conteúdos televisivos, que exige objetividade, precisão e economia verbal.

TELEJORNALISMO NO BRASIL

O telejornal é apresentado na TV através de reportagens especiais, nas entrevistas, em documentários, que são programas de informação em que o repórter vivencia na “própria pele” o cotidiano das pessoas. Ele foi, em seu início, uma variante do jornalismo impresso; era uma leitura televisionada de notícias impressas, onde o apresentador não passava de um narrador, com uma voz de fundo e ilustrações de imagens sendo exibidas. A partir dos anos 60, o telejornal ganha uma própria roupagem, transformando uma simples leitura de notícias num show televisivo.

No final do século 20, hoje padronizada em quase todo o mundo tem sua produção de telejornais, revelando alguns paradigmas próprios desse gênero

⁵SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985. p. 54.

em grande parte influenciados pela indústria de publicidade e que se confundem com a própria lógica da TV, como um todo. São eles: o modelo esportivo de noticiário; a lógica da velocidade; a preferência do 'ao vivo'; a substituição da verdade pela emoção; a popularização e o expurgo da reflexão.⁶

Na perspectiva do autor Ciro Marcondes, podemos perceber como funciona essa indústria de informação. No modelo esportivo de produção de telejornais, as notícias são apresentadas tal qual um jogo de futebol; fatos do mundo são apresentados através de imagens; eventos que o telespectador está vivenciando são passados através de cenas impressionistas. O autor afirma que a participação do telespectador é mínima diante do que lhe é passada; o telejornal visa ao mundo de aventura, emoção, a vivência virtual, não permitindo ao receptor questionar o porquê disso e não aquilo e como é que ocorre na nossa sociedade essa tal realidade.

Assistir aos acontecimentos de preferência ao vivo (...); o mundo deixa de ser uma realidade que precisa ser investigada, explicada, conhecida, para tornar-se algo do qual se participa como um jogo de computador, algo que se assiste (...). Desaparece a questão do sentido: que significa isso ou aquilo? Por que surgiu este e não aquele processo? E em seu lugar entra a questão de como vivenciar este ou aquele fato, como sentir-se naquela pele.⁷

No telejornalismo, o jogo da credibilidade atua sobre o sucesso da suposta referência, uma reflexão profunda sobre o que é passado e como é passada a verdade para o telespectador.

(...) as palavras verdade e verdadeiro vêm sobrepor-se verossímil e credibilidade. O verossímil encontra-se em direta relação ao efeito de real discursivamente constituído. E credibilidade, hoje em dia a palavra chave em todas as instâncias sociais, é sua contrapartida na ausência de uma verdade em plenitude.⁸

A lógica da velocidade refere-se à rapidez com que o telejornal traz um fato ao público e ao ritmo de apresentação das notícias.

Um tema apresentado no telejornal não deve ser bom apenas pela sua relação com a vida das pessoas, ou por referir-se ao bem estar econômico, político e cultural do

⁶ FILHO, Ciro Marcondes. Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000. p. 80.

⁷ Idem. p.80.

⁸ GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo: Hacker Editores/Ediusp, 2000. p.30.

telespectador; ele é bom se apresentado antes dos outros, chegando em primeira mão para o seu público. Trabalha-se mais com o emocional, tratando o real do telespectador, induzindo-o a um conceito puro, uma ilusão de absoluto, perfeito.

Em um telejornal é preciso chamar a atenção, seja pela curiosidade ou por interesse, as imagens em si devem provocar emoções, sensibilizar os telespectadores; *as cenas filmadas devem transmitir a dor, a desolação, a tristeza, mas também imagens de trabalho, solidariedade, luta; nada é proibido.*⁹ As imagens devem atrair, prender e segurar o telespectador, seja pela preocupação, pela esperança ou pelo entusiasmo.

*Hoje em dia as pessoas não questionam se o que o jornal está mostrando é verdade ou não (...) o espetáculo do telejornal tem de ser instigante, tem de fixar a audiência.*¹⁰

O que é exibido para o telespectador não é invenção, não é fantasia, nem uma obra de ficção, é a reinterpretação do real, é um segundo modo de ver uma obra de ficção, é um segundo modo de ver uma perspectiva tecnológica, o real molda aos modelos da ficção para ser telejornalizável.

O telejornalismo trabalha em fragmentar cartesialmente as coisas simples expulmando qualquer pensamento complexo, buscando sempre o mais simples da mensagem a ser exibida.

As notícias do telejornal não podem ser longas; é como o tique-taque de um relógio, exigindo para cada segundo que se passa uma nova cena, uma nova frase, um novo movimento, cada momento ou minuto está sendo contado, avaliado, estudado e monitorado, valorizando qualquer segundo.

Na memória do telespectador, o conteúdo desaparece facilmente, isso devido à quantidade de assuntos, “momentos” transmitidos como flashes, não dando ao receptor tempo suficiente para fazer uma auto crítica sobre o que ele está assistindo e vivenciando. Ao sentir a emoção de determinada matéria, a sensação imediata se dissipa perdendo-se totalmente no ar.

*A televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano, a visão e a audição.*¹¹

⁹ FILHO, Ciro Marcondes. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000. p. 84.

¹⁰ Idem. p.85

Entendemos que, para a realização de um telejornal é essencial o uso da imagem; é preciso combinar informação visual com informação auditiva não adquirindo prejuízo para uma ou outra. A imagem é o código icônico, reportando-se a percepção visual por intermédio da visão. Uma forma pode tanto ser denotadora de si mesma, quanto de outra forma, que o receptor reconhece como pertencendo ao quadro referencial de sua realidade física ou cultural.

A primazia do elemento visual requer a aplicação eficiente de recursos não verbais para atrair e manter constante o nível de curiosidade do telespectador. A imagem se confere uma função primordial no processo de codificação das notícias, enquanto a palavra cumpre um papel secundário, quase mero complemento e suporte de informação visual. A informação prioritária que a imagem ocupa na comunicação telejornalística requer uma preparação especial do jornalista de TV para que ele tire maior proveito das potencialidades do veículo.

É indispensável o conhecimento de todo o processo de codificação e decodificação de mensagens visuais especialmente no que diz respeito às características semânticas das imagens em movimento.

O perigo de uma imagem muda é tanto maior em razão do grau de precisão e clareza da mensagem que se pretende transmitir em um programa de ficção; é preciso casar a imagem com o texto informativo. Não se pode ignorar a imagem, pois ela é a base fundamental para o telejornalismo. *A imagem tem narrativa própria, e para transmitir a emoção de um momento, o silêncio ou o som original do que está acontecendo, vale mais do que frases descritivas, longas, repetitivas.*¹²

Para escrever um texto de TV, precisa-se, antes de tudo saber quais as imagens disponíveis para que possam ser usadas de forma coordenada com as informações. Para associar a imagem sem redundância, o texto jornalístico precisa basicamente identificar os elementos fundamentais da notícia, priorizando responder às perguntas essenciais em cada notícia: O quê?; Quem?; Quando?; Onde?; Como?; Por quê?. O uso da simplicidade na associação texto e imagem vêm da sensibilidade do jornalista; a

¹¹ PATERNOSTRO, Vera Íris. *O Texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999 p.74

¹²PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999 .p.75

imagem pode transmitir informação e emoção através da valorização por recursos do texto.

No texto telejornalístico, nota-se a simplicidade e o jogo de palavras usadas para noticiar e informar da forma mais direta possível. Utiliza-se, pois, uma linguagem coloquial, uma linguagem do cotidiano de pessoas comuns, isso devido à facilidade de entendimento do receptor. O texto coloquial caminha da comunicação rápida, do entendimento emitido, expressão artística, capaz de suscitar os mais inesperados sentidos, normas de redação que se aplicam principalmente às matérias informativas, não se ajustando aos formatos do gênero opinativo.

A linguagem coloquial é usada na conversa entre duas ou mais pessoas. Por esse motivo, a característica mais importante do texto televisivo, é de que as palavras e as estruturas das frases estejam o mais próximo possível de uma conversa.

Segundo a teoria de *Paternostro*, podemos dizer que as regras gramaticais devem ser obedecidas, evitando-se gírias. Percebemos que no telejornalismo utiliza-se o estilo coloquial, simples, natural e direto, mencionando as frases diretamente, sem rodeios, procurando sempre a objetividade, o raciocínio claro e coerente para contar a história em um texto com começo, meio e fim.

JORNAL NACIONAL: A HISTÓRIA

Criador de uma nova linguagem jornalística no Brasil e o primeiro telejornal em rede, o Jornal Nacional nasceu em 1969, precisamente em 1º de setembro de 1969. Oferecendo em sua primeira transmissão *imagem e som de todo o Brasil. e o Brasil ao vivo aí na sua casa*, o Jornal Nacional surgiu como um passo dado além do entretenimento. Havia um interesse comercial muito grande por trás do seu nascimento, pois *o telejornal era parte estratégica de um ambicioso projeto de Walter Clark e José Bonifácio Sobrinho, Boni, para transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil.*¹³

A escolha do nome “Jornal Nacional” se deve ao fato de que seria um programa jornalístico que alcançaria o país inteiro. Seu surgimento coincide com o endurecimento militar, época em que havia muita pressão sobre os meios de comunicação. Durante esse

¹³ MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p.28.

período, o Jornal Nacional ficou condenado como um porta-voz, um serviçal do governo a favor da manipulação das massas. Os opositores de regime militar acreditavam que *quem assistia o Jornal Nacional era alienado; quem fazia o Jornal Nacional era ‘manipulador’*.¹⁴

O Jornal Nacional criou uma série de critérios para desenvolver o conceito de noticiário regional, devido às diversidades regionais. As matérias não deveriam ser de interesses regionais ou particularistas e sim de interesse geral. *Era necessário não superdimensionar uma região em detrimento de outra, pensar sempre em como determinada nota poderia repercutir em estados diferentes*.¹⁵

Devido às dificuldades políticas encontradas quando se tratava de assuntos regionais, procurou-se investir no jornalismo internacional, através da formação de escritórios e da instalação de correspondentes no exterior. *A presença de correspondentes nos locais onde se davam os fatos conferia mais veracidade à notícia que o mero uso do material das agências internacionais*.¹⁶

A rede também foi crescendo, através da instalação de emissoras em vários Estados brasileiros, que contavam com modernos equipamentos de transmissão.

O texto, para o Jornal Nacional, sempre ocupou papel de extrema importância, pois, através dele, é que se dá a compreensão dos fatos. Apesar do grau de formalidade, o texto era feito com frases simples e curtas, sempre buscando uma linguagem clara e objetiva. Apesar da coloquialidade da linguagem, havia uma preocupação muito grande com vocabulário, para que este não se tornasse pobre e vulgar.

Com um discurso informal, no sentido de transmitir uma linguagem clara e objetiva e, ao mesmo tempo formal, uma formalidade indicada tanto pelas roupas usadas pelos apresentadores, como também pela fisionomia e seriedade com que os mesmos apresentam as matérias, o Jornal Nacional foi se consolidando e se tornando um hábito para os brasileiros. A atual constituição de prestígio que possui, decorre da cobertura de fatos de grande repercussão. Sua consagração se deve ao envolvimento com o contexto histórico, político, social e cultural vividos pelo mundo inteiro.

¹⁴ SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985. p.13.

¹⁵ MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2004.p.39

¹⁶MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2004. p.42.

A história do Jornal Nacional se confunde com a história do Brasil e do mundo¹⁷. Seu objetivo principal é, acima de tudo, ocupar uma posição isenta tanto quanto possível, principalmente em matérias polêmicas, defendendo a total neutralidade da informação.

No Jornal Nacional (...) temos a autoridade expressa por pessoas que podem ser tidas como sábias, inteligentes, belas, corajosas, famosas, idolatradas...; temos também a autoridade expressa por meio de entidades do tipo partido político, religião, ciência, doutrina, entre outras.¹⁸ Seus apresentadores assumem a missão de “inspirar confiança”, dando ao discurso veiculado maior credibilidade, assumem também a função de “mentores” e, dessa forma, “aconselham”, “advertem energicamente” sem, contudo, causar em seus telespectadores a sensação de inferioridade, pois estes devem ter a impressão de que decidem sozinhos, com total liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornal Nacional é, portanto, uma importante fonte de informação para a maioria dos brasileiros, que traz até eles notícias não só de seu país, mas também do mundo inteiro. Porém, isso não significa que o poder do telejornalismo deva ser exagerado e que os efeitos do Jornal Nacional são tão decisivos a ponto de moldar opiniões, principalmente no que diz respeito às pessoas que participam de algum movimento social ou político, pois, de acordo com Silva, o *contrapeso que pode faltar no momento de primeiro contato com uma notícia poderá vir no dia seguinte, no Sindicato, ou no fim de semana na Igreja(...)*.¹⁹ O Jornal Nacional reforça pontos de vista, mas não possui um poder persuasivo tão intenso a ponto de mudar opiniões a partir das informações que transmite.

E, finalmente, concluímos, por meio das idéias de Silva, de que:

Assistir ao Jornal Nacional, informar-se por seu intermédio, por vezes concordar com ele, gostar de determinadas notícias, nada disso significa que necessariamente a pessoa se deixou convencer por ele, sucumbiu a seus poderes persuasivos, deixou-se corromper, traiu a classe ou alienou-se.²⁰

¹⁷ Grandes coberturas, em anexo, retiradas do livro **Jornal Nacional**: a notícia faz história.

¹⁸ ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A linguagem autoritária**. Televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 70.

¹⁹ SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Cimos, 1985. p. 140.

²⁰ Idem. p. 145.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan Diaz. *Além dos meios e mensagens. 10. ed. Petrópolis: Vozes. 2002.*

FILHO, Ciro Marcondes. *Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.*

GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e ciências da linguagem. 3. ed. São Paulo: Hacker Editores/ Ediusp.*

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.*

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O Texto na TV. Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.*

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.*

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *A linguagem autoritária. Televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1999.*

SCAVONE, Lucila; et al. *A dimensão política da comunicação de massa. Um estudo exploratório do caso brasileiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.*

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico. 3.ed. São Paulo: Cimos, 1985.*

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.*

Anexo

Grandes Coberturas

Políticas

- *Cobertura da primeira eleição direta, em 1982, para governador de estado, após a instauração do regime militar.
- *Após o fim do Milagre Econômico, cobertura sobre a seca no Nordeste e a enchente no Sul, matérias que colocaram em xeque a situação social pela qual passava o país.
- *1983; o movimento das “**diretas já**”, para a Presidência da República.
- *1984, cobertura dos comícios.
- *1985, eleição e morte de Tancredo Neves, o que levou a posse de seu vice José Sarney.
- *1986, o governo de José Sarney e o Plano Cruzado.
- *1988, a Nova Constituição: Brasília passou a ter um peso maior no noticiário do Jornal Nacional. Passou a ser feito um acompanhamento diário dos acontecimentos, da votação de todas as leis, todos os planos econômicos, a definição da política monetária.
- *As eleições presidenciais de 1989 e a vitória de Fernando Collor de Mello.
- *1992, Impeachment de Fernando de Mello.
- *O caso **PC Farias**, que era tesoureiro da campanha de Collor e teve sua prisão decretada depois do impeachment do presidente, fugiu, foi localizado e condenado. Depois de cumprir um terço da pena e receber liberdade condicional, foi assassinado.
- *O Plano Real e a eleição de FHC.
- *Governo FHC, eleições 1998, a primeira eleição em que o presidente poderia disputar a reeleição.
- *Crises econômicas: os efeitos da globalização; o Brasil atingido por crises internacionais.
- *2001: crise energética: plano de racionamento de energia para evitar um “apagão”.
- *Privatizações: Programa Nacional de Desestatização (PND); foram incluídas ao programa diversas empresas dos setores de eletricidade, telecomunicações, transportes, etc.
- *Lei da Responsabilidade Fiscal: uma das principais medidas tomadas pelo governo FHC, através da qual foram fixados limites para gastos e endividamentos das três esferas de governo (municipal, estadual e federal), de cada um dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), do Ministério Público e órgãos da administração direta.
- *Eleições 2002; o presidente eleito “Lula” na bancada do Jornal Nacional.
- *A posse de Lula em 1º de janeiro de 2003 (cobertura especial).

*A primeira crise do governo Lula; o escândalo Waldomiro Diniz, ex-subchefe de Assuntos Parlamentares do Ministério da Coordenação Política.

Internacionais

*Guerra no Irã-Iraque, que estourou em 22 de setembro de 1980, com Saddam Hussein, presidente do Iraque.

*Cobertura da Guerra das Malvinas entre Inglaterra e Argentina, de abril a junho de 1982.

*A crise do Leste Europeu: reformas políticas e econômicas na URSS, na Polônia, na Hungria, na Alemanha, na Tchecoslováquia e na Romênia.

*Queda do muro de Berlim e a reunificação da Alemanha.

*1990: Conflitos no Oriente Médio e transformações no mundo socialista.

*Guerra do Golfo.

*1991: fim da URSS e Guerra Civil na Iugoslávia.

*11 de Setembro de 2001: atentado às torres gêmeas do World Trade Center, em Manhattan, Nova York, no mesmo dia houve um atentado ao prédio do Pentágono, centro do poder militar dos Estados Unidos.

*20 de março de 2003: guerra do Iraque.

*11 de março de 2004: atentados terroristas em Madri.

Saúde

*AIDS

*Projeto Genoma

*Bebê de proveta

*Clonagem; o caso da ovelha Dolly

Sociais

*Cobertura da visita do Papa ao Brasil, em 30 de junho de 1980, que durou doze dias.

*1992: cobertura da Rio-92, uma conferência mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Representantes de 178 países filiados à ONU vieram ao Rio de Janeiro participar.

*1994: Morte de Ayrton Senna.

Violência

*1992: Massacre do Carandiru.

*1993: Chacina de Menores da Candelária; meninos de rua mortos à tiros por PMs.

*1993: Chacina de Vigário Geral.

Escândalos

*Escândalo dos precatórios, envolvendo Celso Pitta e Paulo Maluf.

*Máfia dos fiscais: envolvendo funcionários da prefeitura de São Paulo que cobravam propinas para não denunciar irregularidades no comércio, na construção e em outras áreas.

*Escândalo da previdência, que culminou com a prisão da advogada Jorgina Maria de Freitas Fernandes, em 1997.

*Escândalo do TRT, que tem como astro principal o juiz Nicolau dos Santos Neto.

Reportagens em série

Apresentação de séries de reportagens, oferecendo ao telespectador uma abordagem mais aprofundada dos assuntos. Exemplos:

* “Caminhos do Brasil”

* “Fome no Brasil”

* “Brasil Bonito”, sobre trabalho voluntário.

* “Identidade Brasil”, sobre a cultura brasileira.

Movimentos Sociais

*O MST no pontal do Paranapanema, mostrando a base do movimento, sua militância e organização.

*Massacre de Eldorado dos Carajás; confronto de trabalhadores sem terra, que queriam a desapropriação de uma fazenda do Pará com policiais.

Acidentes e tragédias

*31 de dezembro de 1988; naufrágio do Bateau Mouche.

*23 de fevereiro de 1998, Rio de Janeiro; desabamento do edifício Palace II, de propriedade do deputado federal Sergio Naya.

Esporte

*Cobertura da conquista do Pentacampeonato.

Outras Coberturas Importantes

**Defesa dos direitos humanos: matérias sobre trabalho infantil e violência policial
(o caso da Favela Naval).*

*O caso Tim Lopes: atentado à liberdade de imprensa.

*Morte de Roberto Marinho, fundador e presidente da Rede Globo, em 7 de agosto de 2003

Mudanças internas no Jornal Nacional

**Transformações no cenário do Jornal Nacional e criação do logo feitos por Hans
Donner.*

**1984: comemoração dos 15 anos do Jornal.*

*1989: o Jornal passa por uma série de mudanças, incluindo mudanças no cenário, buscando-se um novo conceito de jornalismo. Começou a somar ao noticiário análises e comentários, com a participação de comentaristas especializados.

*1996: Cid Moreira e Sergio Chapelin, apresentadores do Jornal Nacional, são substituídos por William Bonner e Lillian Witte Fibe, com o objetivo de colocar a frente do Jornal jornalistas profissionais, para dar maior credibilidade às notícias e agilizar as coberturas.

*Nova proposta: atender ao “interesse público” e ao “interesse do público”, buscando um equilíbrio entre os dois.

*Em 1998 a apresentadora Lillian Witte Fibe dá lugar a Fátima Bernardes.

*Em 2000 o Jornal se reformulou, deixou o estúdio tradicional para ser apresentado de dentro da redação.